



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ENTRE LETRAS E MEMÓRIAS: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE MARIA
LÚCIA LOPES DA SILVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

JULIETE SILVA DE SANTANA

**GUARABIRA-PB
2016**

JULIETE SILVA DE SANTANA

**ENTRE LETRAS E MEMÓRIAS: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE MARIA
LÚCIA LOPES DA SILVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito final para obtenção do certificado de conclusão de curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Valdenice Resende Soares

**GUARABIRA-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S231e Santana, Juliete Silva de
Entre letras e memórias: [manuscrito] : o processo de
escolarização de Maria Lúcia Lopes da Silva na Educação de
Jovens e Adultos / Juliete Silva de Santana. - 2016.
46 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Maria Valdenice Resende Soares, Departamento
de Educação".

1. Memórias. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3.
Processos de Escolarização. I. Título.

21. ed. CDD 374

JULIETE SILVA DE SANTANA

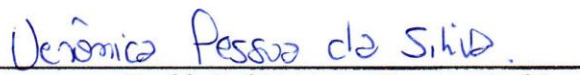
**ENTRE LETRAS E MEMÓRIAS: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE
MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Aprovada em: 18 / 05 / 2016

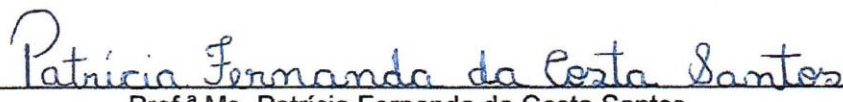
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a Maria Valdenice Resende Soares
(Orientadora)



Prof.^a. Dr.^a Verônica Pessoa da Silva
(Examinadora)



Prof.^a Ms. Patrícia Fernanda da Costa Santos
(Examinadora externa)

GUARABIRA-PB
2016

Dedico este TCC, primeiramente, a DEUS, a minha mãe Maria Lúcia, a minha família, aos meus amigos e professores pela dedicação e apoio durante esses cinco anos e 6 meses, a quem eu tenho gratidão pela força e confiança por terem me ajudado a chegar a este momento.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os agradecimentos a fazer por ocasião do término deste trabalho. Ao longo desse período, tive a oportunidade de conviver com várias pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente para que eu chegasse até aqui. Lembrar de todas as pessoas seria impossível, mas não posso, de forma alguma, deixar de registrar o nome daqueles que estiveram mais próximos e daqueles que, mesmo sem saber, sempre me estimularam nessa caminhada.

Agradeço, primeiramente, a DEUS por ter concedido, em todos os momentos da minha vida, força para não desistir, pela vontade Dele que pude estar aqui, nesta Universidade.

A minha mãe, Maria Lúcia por dedicar tanto amor nesse período, por me esperar todas as noites da Universidade e só aí poder dormir, pelo seu respeito e cuidado quando precisei de silêncio para estudar, pois, mesmo sem compreender, sempre estive na torcida na realização dos meus sonhos.

Ao meu pai João (*in memoriam*) se estivesse aqui sem dúvidas eu teria recebido todo apoio e amor.

Ao meu Tio Eduardo Jorge, pelo seu amor e dedicação durante esse período que estive na Universidade, por sempre me orientar nos passos que deveria seguir.

Aos meus irmãos, Juliana, Rafael e Carlos pelo carinho e atenção quando precisei de apoio.

As minhas cunhadas, sobrinhas, primas e primos, tias e tios pelo carinho e amor e por sempre estarem na torcida pelo meu sucesso profissional.

Aos meus pais da fé, João Bernardino e Maísa, que sempre oraram para que nada de ruim me acontecesse, por sempre me orientarem a trilhar nos caminhos corretos, por dedicar todo carinho e amor.

A meus amigos Amélia e Jaílson pelo companheirismo durante esse período, os quais foram fiéis, na alegria na tristeza e na amizade que sempre irei cultivar.

Ao meu noivo Marcos Felipe pela dedicação e amor nessa fase importante da Universidade.

A minha turma de Pedagogia 2011.1 por sempre estarmos juntos em todos os momentos.

A academia pela oportunidade de fazer o curso de Pedagogia.

Aos meus professores por proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

Em especial a professora Dr^a. Verônica Pessoa pelo cuidado e dedicação nas horas que precisei dos seus ensinamentos, durante as aulas da área de aprofundamento nos componentes de Educação de Jovens Adultos.

Não posso deixar de agradecer pela realização deste trabalho a Dr^a. Valdenice, pelo seu apoio e dedicação durante os nossos encontros dedicados ao TCC. Muito obrigada.

Por fim, a todos que diretamente ou indiretamente deram sua contribuição para a realização desse trabalho, muito obrigada!

ENTRE LETRAS E MEMÓRIAS: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

SANTANA, Juliete Silva de

RESUMO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre a memória de Maria Lúcia Lopes da Silva acerca de seus processos de escolarização, a partir de suas vivências no Programa Brasil Alfabetizado (PBA), no ano de 2007 até o ano de 2014, ano em que a mesma esteve inserida na rede de ensino do município de Sapé/PB. Para atender aos objetivos da pesquisa utilizamos a metodologia da história oral, com ênfase nos estudos de BOSI (1994), ao discutir sobre a memória como fonte de pesquisa e, no nosso caso, privilegiamos a memória oral, baseado nos escritos de MEIHY (2006) e DELGADO (2010) que se reportam sobre a história oral, enquanto metodologia. Os estudos destes teóricos contribuíram para a compreensão de nossa questão de pesquisa: Quais as implicações da passagem educacional, decorridas da alfabetização ofertada no PBA para a escolarização no espaço da escola pública da rede oficial de ensino, na aprendizagem da aluna pesquisada? Os resultados evidenciam que, para a aluna em questão, à volta e a permanência na escola foram elementos fundamentais para a construção de sua autoestima, bem como para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. O processo de escolarização contribuiu, principalmente, para que esta educanda se sentisse construtora da sua própria história, buscando sua valorização pessoal e a inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Memórias. Educação de Jovens e Adultos. Processos de escolarização.

ABSTRACT

BETWEEN LITERATURE AND MEMORIE: THE PROCESS OF LUCIA MARIA LOPES DA SILVA SCHOOLING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

This study aims to reflect on the memory of Maria Lucia Lopes da Silva about his schooling processes, from their experiences in the Literate Brazil Program (PBA) in the year 2007 to the year 2014, the year in which he was inserted into the municipality's educational network Thatcham / PB. To meet the research objectives we use the methodology of oral history, with emphasis on studies of BOSI (1994), when discussing the memory as a source of research and, in our case, we favor the oral memory, based on the writings of Meihy (2006) and DELGADO (2010) who report on oral history as a methodology. The study of these theorists have contributed to the understanding of our research question: What are the implications of educational passage, which gave literacy offered in the PBA for education within the public school official school system, learning the researched student? The results show that for the student in question, around and staying in school were key elements to build their self-esteem, as well as the desenvolvimento of reading and writing skills. The process of schooling contributed mainly to this a pupil is sentise construction of its own history, seeking his personal appreciation and inclusion in society.

Keywords: Memories. Youth and Adult Education. schooling processes.

LISTA DE SIGLAS

EJA: Educação de Jovens e Adultos.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC: Ministério da Educação.

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

PB: Paraíba.

PBA: Programa Brasil Alfabetizado.

PETI: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba.

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

IDEME: Instituto Desenvolvimento Municipal e Estadual.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Dados de quantidade de alunos homens/mulheres ano de 2007 do PBA.

Tabela 02: Distribuição da oferta da EJA em escolas municipais e estaduais de Sapé-PB.

Tabela 03: Mapeamento da turma de EJA ano de 2014 da Professora Berlânia.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01: Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais anos no município de Sapé-PB.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Atividade de Português feita pela aluna pesquisada.

Imagem 02: Atividade de Português/Ciências Sociais.

Imagem 03: Maria Lúcia realizando atividade que está escrita no quadro.

SUMÁRIO

1 REBUSCANDO MEMÓRIAS.....	16
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	20
3 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E A CIDADE DE SAPÉ.....	24
4 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E O PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO.....	29
5 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	32
6 CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICES.....	43
ANEXOS.....	46

1 REBUSCANDO MEMÓRIAS

Desde criança, o sonho de ser educadora aliado ao desejo de ensinar tudo que aprendi, no decorrer da minha caminhada, têm marcado minha existência. Daqueles dias até hoje, na condição de estudante do Curso de Pedagogia, me vejo como uma pessoa que está em processo de construção.

São poucas as minhas memórias referentes ao período da alfabetização. Lembro-me das vivências na Organização Não Governamental, Creche Cidade Cristã - Sapé/PB, onde estudava em tempo integral. Recordo as muitas brincadeiras e o mais fundamental: tínhamos as três principais refeições, além de muito cuidado e amor das “tias” que passavam o dia cuidando da turma.

Minha mãe, Maria Lúcia Lopes da Silva, (sujeito investigado nesta pesquisa) trabalhava na lavoura e deixava, eu e meus três irmãos na creche voltando para casa ao final da tarde. Ela fazia colheita de acerola na fazenda Manoel Goiana e se dedicava aos afazeres domésticos na nossa casa. Meu pai faleceu quando eu tinha três anos e, por isso, minha mãe teve que dar conta da família sozinha e uma das coisas que a inquietava era o fato de não saber ler e escrever, o que a levou a iniciar o seu processo de alfabetização no ano de 2007, no Programa Brasil Alfabetizado (PBA) ¹. Desde início no ano de 2014 ela passou a estudar da rede regular de ensino do município de Sapé/PB. Sua memória, sobre esses processos educativos, é o objeto de estudo desta pesquisa.

O fato de não saber ler e escrever, para Maria Lúcia, apresentou-se como um problema nos momentos em que mais precisei de ajuda doméstica para as atividades escolares. Desde os primeiros anos até, aproximadamente, a sexta série, quando comecei a resolver sozinha minha vida escolar. Lembro-me que, quando estudava a 3^o série do Ensino Fundamental, já não mais frequentava a creche, mas ainda estudava nos dois turnos, de manhã na Escola Irmã Caterina Giraldo, da comunidade Padre Gino Novo e a tarde, no Programa de Erradicação do Trabalho

¹ Guardo em minhas lembranças infantis que Maria Lúcia Lopes da Silva iniciou seu processo de alfabetização no Programa de Alfabetização na Escola do Rádio, oferecido pelo governo estadual – PB em parceria com o município de Sapé. Ocorre que ao interrogá-la sobre este programa de alfabetização, a mesma alegou não ter lembranças deste fato. Este fato será analisado na continuidade deste estudo.

Infantil (PETI)². Nessa fase com 09 anos já sabia ler e escrever. Apesar de ser uma boa aluna, não costumava me expressar na aula e, quando surgia uma dúvida sobre o tema estudado, permanecia no silêncio, levando-a para casa e, quando chegava, em casa, mais uma vez, continuava com a dúvida.

Depois deste período, quando passei a estudar na zona urbana, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, vivi momentos dolorosos. Frequentar uma escola maior, com pessoas diferentes, muitas disciplinas e professores causou uma verdadeira confusão em minha cabeça de menina, aos 11 anos. Como exemplo, recordo-me do pânico vivido com a professora de Ciências. A mesma passou uma atividade e ameaçou que quem não chegasse com ela pronta, na próxima aula, não entraria na sala de aula. Cheguei, em casa em desespero, pois como não havia ninguém para me ajudar nas tarefas de casa, dessa vez, não conseguiria fazer. Minha mãe sofreu junto comigo, pois não podia me ajudar. Chamamos o meu primo Jailton Ferreira, que era professor e, só assim, consegui fazer a atividade e entrar na aula no outro dia, já a professora depois de ver caderno por caderno fez a correção do exercício proposto pela mesma.

Como minha mãe não podia me ajudar encontrei nos livros didáticos companhia e respostas para as inúmeras interrogações surgidas durante as aulas. Mesmo frequentando a tarde o PETI, esse não se constituía em um espaço voltado para o auxílio das atividades escolares, e sim, um espaço voltado para diversão e o lazer, visto que tínhamos aulas de dança, violão, artes, esporte e caratê. Nesses espaços iniciava-se o meu sonho de ser professora, em especial, pelas aulas oferecidas pelo professor Inácio, pois via que o brilho no seu olhar ao ensinar a seus alunos me encantava.

Paralelo a estas atividades, a partir dos 10 anos, tive a primeira oportunidade de ensinar ao terminar a primeira comunhão, sendo a partir daí, convidada a ministrar a 1^o turma infantil (03 a 05 anos) de catequese no Centro Comunitário Padre Gino Novo. Foi a melhor experiência, naquela ocasião, em minha vida. Senti-me útil e realizada e dei continuidade a este trabalho até os meus 17 anos, participando de algumas formações para catequistas.

² Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - É um programa do Governo Federal que visa erradicar todas as formas de trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos e garantir que frequentem a escola e atividades socioeducativas.

Conclui o Ensino Médio no ano de 2009, prestei vestibular para pedagogia, mas não fui aprovada. Assim, como não queria ficar um ano sem estudar, sem frequentar uma escola, me matriculei no magistério, cursei um ano e, em 2010, ao passar no vestibular para Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III, abandonei aquele curso. Na universidade novas oportunidades se apresentaram: leituras, pessoas e descobertas no caminho para realização do sonho de ser professora.

No primeiro semestre, na disciplina Sociologia da Educação com a professora Rosilene Agapito que, com seu jeito meigo, a cada aula me motivava, chamou-me a atenção o fato de ela, em socialização com a turma, nos dizer que tinha alfabetizado sua mãe. Emocionei-me bastante, pois senti na pele que poderia fazer o mesmo com a minha mãe, já que a mesma, neste contexto dos anos de 2011, já sabia assinar seu nome mais ainda não estava alfabetizada.

Depois, no 7º período do Curso de Pedagogia, descobri que tínhamos que optar pela área de aprofundamento, tínhamos que escolher entre Gestão Educacional e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, neste período, não pensei duas vezes na escolha, que seria me aprofundar na área da EJA. Para a minha surpresa, de minha turma que tinha aproximadamente 30 alunos, fui à única que optei diferente. Mediante isso surgiu às dificuldades de que não ter número de alunos suficiente para abrir uma para no turno da noite, apenas no horário da manhã. Mesmo assim, não medi esforços para cursar os Componentes da área de EJA, em concomitância aos de Gestão Educacional. Tive, então, oportunidade de estudar os componentes de: História da Educação de Jovens e Adultos, Fundamentos, Legislação e Financiamento da EJA, Alfabetização e Letramento na EJA, Metodologia no ensino da EJA e, por fim, o Estágio Supervisionado III em EJA. Tivemos o privilégio de ter como ministradora desses componentes a Dr^a. Professora Verônica Pessoa, a qual nos permitiu compartilhar os conhecimentos prévios juntamente com a sua bagagem de experiências e vivências construídas ao longo de sua vida acadêmica.

Tivemos várias discussões sobre o processo de alfabetização como, processo de conscientização política a partir dos escritos de FREIRE (1996); assim como a necessidade de desconstruir o fenômeno da infantilização dos alunos jovens e adultos, apresentada em PINTO (2010). Sobre Política e Financiamento na EJA, as

mudanças na política de financiamento da educação e as possíveis repercussões para a EJA, através dos estudos de GOUVEIA (2008). Desta feita, refletimos sobre Fundamentos Políticos da Educação de Jovens e Adultos com IRELAND (2003), o contexto em que surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA, a partir de SOARES (2002). Nosso grupo discutiu ainda sobre a relação entre alfabetização e letramento. Fizemos leituras e discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que se refere à modalidade de Educação de Jovens e Adultos e entre outros temas.

As leituras realizadas nas aulas de área de aprofundamento me possibilitaram uma reflexão sobre a necessidade de aliar teoria e prática, a partir do momento em que me encontrei em uma sala de aula no estágio supervisionado. Foi, através das observações em sala de aula, que tentei fazer a diferença quando ministrei as aulas no estágio, com a ajuda da professora da turma a qual realizei o estágio supervisionado. Ao apresentar as dificuldades encontradas em sala de aula me senti motivada a planejar as aulas a partir da realidade de cada aluno, em uma turma de 15 alunos.

Foi impactante para a turma, no início, se adaptar com a minha presença, pois os mesmos achavam que eu estava ali para assumir o lugar da professora titular, mas com o passar dos dias de observação, antes de ministrar a primeira aula, eles conseguiram entender que o meu papel ali, era apenas aprender com eles, assim como de exercitar, na prática, o que estava estudando na área de aprofundamento.

Ter contato com o real me fez perceber o quanto é instigante e importante o papel do professor alfabetizador para uma turma onde, a maioria, acaba desistindo no meio do processo de aprendizagem, principalmente me reportando as palavras deles: “(...) não ter cabeça mais pra nada”. Nas palavras de um deles, “(...) se estiver um professor que a cada dia não estimule a turma, vai haver desistência, refiro a evasão”.

Pensar em escrever acerca da memória de Maria Lúcia Lopes da Silva, enquanto aluna em processo de alfabetização no Programa Brasil Alfabetizado e da rede pública do município de Sapé/PB, me remeteu a seguinte questão: Quais as implicações dessa passagem educacional na aprendizagem da aluna pesquisada?

Para dar conta desta pergunta orientadora, esta pesquisa assumiu como objetivo geral: analisar como se deu o processo de (alfabetização) e escolarização de Maria Lúcia Lopes da Silva acerca de seus processos de escolarização e como objetivos específicos: Identificar quais os avanços cognitivos, interpessoais ou significativos para a vida cotidiana de Maria Lúcia Lopes da Silva; Identificar os limites desse processo para a aluna Maria Lúcia Lopes da Silva.

Me instigou, desde o início do estudo, como filha e aluna do curso de Pedagogia-UEPB e, em especial, na área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos – EJA, como modalidade de ensino, no sentido de perceber, como vem se constituindo estas práticas no campo da educação, considerando que essa modalidade é amparada por lei e tem como público alvo as pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. Estão estes sujeitos usufruindo da educação como direito? E, neste sentido, que implicações para a vida cotidiana o processo de escolarização pode oferecer ao discente desta modalidade? Compreendo que estabelecer uma relação entre essas questões e as memórias de uma aluna, me levou ao exercício de articular os nexos do indivíduo com a realidade que o cerca, mapeando um cenário que, ao mesmo tempo em que é único, pode ser lido como uma representação múltipla e coletiva, a qual nos apresenta o perfil de discentes adultos em processo de escolarização com trajetórias, dificuldades e avanços parecidos.

Desta forma é de grande importância para a escola e a universidade refletir sobre as memórias de educandas como a aluna Maria Lúcia Lopes da Silva, sobretudo pelas reflexões acerca de seu processo de escolarização e suas implicações em sua vida cotidiana.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para responder a nossa pergunta de pesquisa, busquei fazer um estudo pautado na metodologia de história oral, tendo como referência Delgado (2010), que diz o seguinte:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas

induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimento sobre essa história vivida. (DELGADO, 2010, p.15-16)

É deste modo que busco, neste trabalho, trazer a memória de uma educanda, a senhora Maria Lúcia Lopes da Silva, com ênfase nos processos percorridos de alfabetização, desde o programa Brasil Alfabetizado (PBA) do ano (2007), até a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no ano de 2014, quando passou a frequentar uma escola da rede municipal da cidade de Sapé-PB.

Maria Lúcia Lopes da Silva é natural do município de Sapé/PB, tem 50 anos, é viúva e tem 4 (quatro) filhos. Filha de agricultores, atualmente não tem nenhum vínculo empregatício, pois a mesma é pensionista. Sou a segunda filha, o primogênito é Carlos Eduardo Lopes da Silva (1985) em seguida eu, Juliete Silva de Santana (1989), Rafael Silva de Santana (1990) e, por último, Juliana Silva Santana (1991).

Trago em minha memória que a mesma começou a estudar no Programa da Escola do Rádio³, que constitui-se em uma experiência de alfabetização de pessoas Jovens e Adultas que utilizava o método da educação à distância através do rádio. Esse programa, na época, estava sendo realizado pelo governo da Paraíba em parceria com a Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Paulo Freire.

Ocorre que Maria Lúcia Lopes da Silva, relata não ter lembranças de ter participado desse Programa. Apesar de ser muito nítida em minhas memórias a participação da mesma no referido programa de alfabetização, optei por não incluir esta etapa de sua formação como meu objeto de pesquisa, uma vez que a aluna pesquisada não se lembra desse momento vivido. É interessante perceber, que nem tudo se mantém na memória.

Como a pesquisa é um compromisso efetivo da pesquisadora com a pesquisada, busco escrever os processos de alfabetização os quais forem lembrados pela educanda pesquisada. “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstrução. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa.” (BOSI, 1994, p.39).

³ Ver, FERREIRA, Jalmira Linhares Damasceno. Alfabetização nas ondas do Rádio: Materiais Didáticos e Práticas Culturais. Dissertação de Mestrado. UFPB. Disponível em:<<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4894/1/arquivototal.pdf>>.

Entretanto, neste caso, enfatizei no nosso processo de reconstrução de sua memória os fatos que por ela, foram selecionados. “Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BOSI, 1994, p.37).

Percebi que as memórias nem sempre irão se apresentar, pois correspondem a um processo lento que nem sempre se efetiva. Conforme fui vasculhando sobre os registros escritos da referida aluna, sobre seu processo de escolarização, poucas informações foram se apresentando, o que fez-se necessário, optar como metodologia, nesta pesquisa, pela história oral, a qual, possibilitou-me percorrer, além dos poucos documentos escritos, aos documentos orais como elementos significativos no resgate de uma história, nesse caso, o de Maria Lúcia Lopes da Silva. Desta forma, na história oral, é preciso entender os fatos numa perspectiva que vai além de um relato de fatos, sendo esta uma forma de se chegar aos fatos de conhecimentos vivenciados pela pesquisada num dado momento histórico. Segundo Bosi (1994):

Não é preciso dizer que o motivo da pesquisa foi explicado com toda a clareza ao sujeito, e que ele sempre teve autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra. Não dispôs de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual analisassem distorções e lacunas. (BOSI, 1994, p.37).

Sendo assim, não é necessário documentos concretos, quando se trabalha com a história oral ou algum registro do que foi vivido. Portanto, busquei aprofundar esta pesquisa com base na metodologia oral temática, visto ser este o método que mais se aproximou das minhas expectativas acadêmicas. Segundo a orientação de Meihy (2007):

O projeto de história oral temática deve estar atento à existência de uma hipótese forte e consistente na medida em que será constantemente testada durante a entrevista. Pretende-se, mesmo considerando que ela é narrativa de um fato, que a história oral temática busque a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variante que seja discutível ou contestatória. (MEIHY, 2007, p.39-40).

Nesse sentido, o autor afirma que não só depende de documentos necessários, concretos, pois o mesmo considera que os fatos narrados através da pesquisa tornam-se importante para que haja elementos fundamentais para ter finalidade ao trabalho. “A história oral temática não só admite o uso do questionário, mas, mais do que isso, este se torna peça fundamental para aquisição dos detalhes procurados”. (MEIHY, 2007, p.40)

Desta forma, optei como procedimentos de coleta de dados, fazer gravação e questionário (modelo em apêndice) e entrevistas. Delgado (2010, p.18) afirma que:

Por tanto, a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com as pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa.

Sendo assim, na história em si, nos possibilita trabalhar com vários tipos de registros, sobre o passado, as heranças que ficaram na memória.

No primeiro contato foi feito um questionário e houve a gravação da entrevista. Sendo assim, fiz a transcrição real, tal qual como a aluna pesquisada relatou. Do mesmo modo, foi feito no segundo encontro, outra entrevista, com diálogos objetivando sondar informações que nos levassem a corresponder às expectativas do objeto dessa pesquisa, seguindo os passos de Delgado (2010, p. 29) que orienta que a primeira versão escrita dos depoimentos, busca reproduzir, com fidelidade, tudo que foi dito, sem cortes nem acréscimo. Assim, busquei ser fiel em cada palavra dita por Maria Lúcia, levando tudo em consideração.

Segundo Meihy (2007, p.35) "Por que as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala". Assim, também foi feita a visita à escola a qual Maria Lúcia estudou, para coletar alguns dados para esclarecer alguns questionamentos deste trabalho, com finalidades de enriquecê-lo. Assim como mostra a tabela abaixo.

Tabela 01: Dados de quantidade de alunos homens/mulheres ano de 2007 do PBA

Homens	Mulheres	Total
04	15	19 alunos

Fonte: Secretária da escola, EM Irmã Catterina Giraldo, 2016.

Conforme o exposto na tabela, em sua grande maioria, o público, maior era formado por mulheres e, as mesmas, em sua grande maioria, eram donas de casa e agricultoras. Segundo Santos (2012, p.125) “[...] o perfil do aluno jovem e adulto diversifica-se entre a população economicamente ativa e aqueles que se encontram no grupo de idosos, donas de casa, agricultores, entre outros”.

Maria Lúcia Lopes da Silva deu início a seu processo de escolarização em 2007 sendo sua turma foi composta por um total de 19 alunos, assim como mostra na tabela acima.

A composição de um número maior de mulheres nesta sala apresenta dois fenômenos sociais. O primeiro aborda os aspectos econômicos, ou seja, a limitação desses sujeitos no espaço escolar, ou por falta de escola na região ou pela necessidade de entrar logo cedo no mercado de trabalho para contribuir com o sustento da família. O segundo indica para as questões de gênero⁴ e dá vestígios de possíveis respostas a esta configuração: o número pode significar que na idade própria de escolarização, foram às meninas as mais atingidas no processo de alfabetização, já que historicamente as relações (desiguais) entre homens e mulheres podem ser retratadas de inúmeras formas de convivências entre os sexos, entre elas, a "desobrigação" das meninas ao espaço escolar. Bem como, na vida adulta, ao voltar a estudar, (já em outro contexto) tenham elas superado com mais facilidade as dificuldades próprias de entrar em uma sala de aula.

3 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E A CIDADE DE SAPÉ

O município de Sapé está localizado no estado da Paraíba, pertencente à microrregião de Sapé, situado em uma planície. De acordo com o IBGE de 2013 sua

⁴ A relação de gênero é determinada, pelo contexto social, cultural, política e econômica. Enquanto o sexo é determinado pela natureza, pela biologia, o gênero é construído historicamente sendo, portanto variável e mutável. Para aprofundamento dessa temática recomenda-se a leitura da obra da filósofa Francesa Simone de Beauvoir, especialmente seu livro “O segundo sexo”.

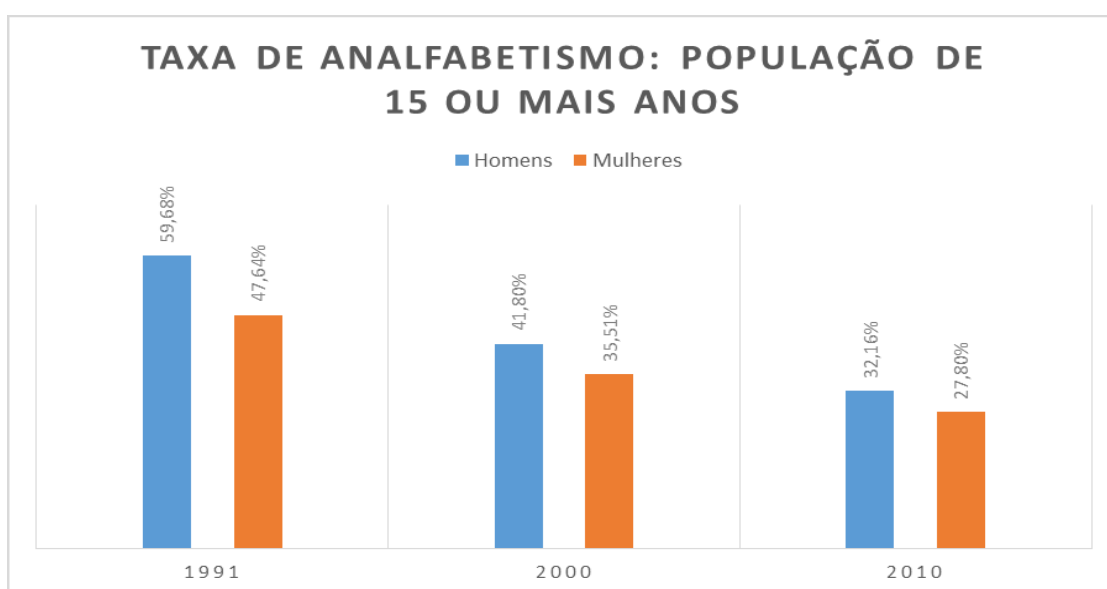
população era estimada em 51.700 habitantes, sendo o décimo município mais populoso do Estado e o mais populoso de sua microrregião.

Sapé é conhecida como a cidade do abacaxi, por ser um exportador do produto na região. É também a terra do poeta Augusto dos Anjos e foi sede de um dos núcleos mais expressivos e importantes das Ligas Camponesas na Paraíba.

Um dos problemas que a cidade enfrenta, assim como em outras regiões, é a elevada Taxa de Analfabetismo adulto que se constitui em um sério problema enfrentado pelo sistema educacional brasileiro. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), publicado na data de 29 de Janeiro de 2014, o Brasil aparece em 8º lugar entre os países com maior número de analfabetos adultos.

De acordo com a mais recente Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012 e divulgada em setembro de 2013, a taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 8,7%, o que corresponde a 13,2 milhões de analfabetos no país. O município de Sapé não está distante desta realidade, segundo dados do IDEME, auxiliado pelo IBGE, o município de Sapé mostrou uma ligeira evolução na redução das taxas de analfabetismo, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 01: Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais anos no município de Sapé-PB



A partir dos dados, podemos perceber que no ano de 1991 a taxa de analfabetismo é grande, tendo uma queda no ano de 2000 e em seguida tem uma considerável redução de pessoas entre homens e mulheres que sai do índice de taxa de analfabetismo.

Segundo o IBGE uma pessoa é considerada alfabetizada funcionalmente quando é capaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida, independente da quantidade de anos de estudo.

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ou seja, a pessoa que aprende a ler e a escrever que se torna alfabetizada e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita que se torna letrada é diferente de uma pessoa que ou não sabe ler e escrever é analfabeta ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

Sabemos que a Educação de Jovens e Adultos passa a ser uma modalidade de ensino desde 1996, portanto, regida pela Lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o que deve ser visto como avanço deste segmento de ensino, mas não o suficiente para minimizar os problemas encontrados em âmbito nacional nas escolas em que é ofertado.

Constituída não somente como um desafio pedagógico, mas principalmente em uma dívida social, pois a exclusão de jovens, adultos e idosos do processo educativo os priva de outros direitos fundamentais como o exercício pleno de cidadania.

O município de Sapé dispõe de uma rede de escolas públicas assim como também as escolas estaduais que assiste cerca de 6.000 (seis mil) alunos matriculados regularmente nas unidades de ensino distribuídas na área urbana e rural, sendo 16 (dezesesseis) unidades localizadas na Zona Urbana e 24 (vinte e quatro) unidades localizadas na Zona Rural, totalizando 40 (quarenta) escolas municipais.

Atualmente, dentre as quarenta unidades de ensino da rede municipal, trinta e quatro oferecem ensino na modalidade EJA, distribuídas entre Campo e Cidade, de acordo com a demanda de cada localidade, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 02: Distribuição da oferta da EJA em escolas municipais e estaduais de Sapé-PB.

Estrutura do Ensino	1º segmento	2º segmento
Unidades do Campo	14	01
Unidades Urbanas	15	03
Total	29	04

Fonte: <http://matricula.educasenso.inep.gov.br/controller.php>

É nesta realidade educacional que se situam as memórias da aluna pesquisada. Maria Lúcia Lopes da Silva é natural deste município, a mesma até os seus dozes anos de idade morou na zona rural, na Usina Santa Helena, não tendo oportunidade de estudar, pois a prioridade dos povos desta época era trabalhar na agricultura, na plantação de cana-de-açúcar, na lavoura. Sendo assim, a mesma não estudou, assim como seus parentes e vizinhos também não o fizeram.

Sobre os motivos de não ter estudado a aluna pesquisada relata em entrevista que "[...] não estudei quando criança por que tive que ajudar meus pais a colocar comida em casa, eu trabalhava na plantação de cana-de-açúcar, na roça, eu não lembro que lá não tinha escola". (Maria Lúcia, 50 anos).

Sobre o fato de não ter estudado por ter tido que trabalhar para ajudar seus pais é marcante na vida de muitos educandos da EJA. Segundo Galvão e Pierro (2007, p.16): "O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência".

Não ter estudando quando criança trouxe vários transtornos sociais para a vida da educanda, como ela mesma relata: "[...] Tinha vergonha quando eu ia para o médico e lá tinha que assinar o nome, mais eu não sabia e assinava com o dedo e ficava com vergonha por que as pessoas ficavam olhando para mim". (Maria Lúcia, 50 anos).

Com isso, podemos perceber que a educanda pesquisada ao frequentar um espaço público em que se fazia necessário à assinatura do seu próprio nome, se

sentia constrangida, por assinar com o dedo. Esse foi um dos motivos que mais a motivou a procurar uma sala de aula.

Souza (2014, p.10) faz uma reflexão sobre esse fato:

O preconceito contra o analfabeto trata-se de um atentado moral e intelectual, pois na maioria das vezes ligam a ausência de uma instrução escolar ou não saber ler e escrever como ausência de inteligência ou habilidade para discernir entre o certo ou errado. A conversão do analfabeto só acontece por meio da alfabetização. Na fulga contra a rejeição se coloca passivo diante das situações impostas na grande maioria das vezes. A possibilidade da alfabetização representa para o analfabeto a comunicação com pessoas, de origens sociais diversas: juízes, advogados, vereadores, padres, mendigos, garis, enfermeira, médico, etc.

Esse conceito nos faz perceber que além da superação do analfabetismo é preciso considerar que o preconceito contra os analfabeto é uma realidade muito presente nos dias atuais, embora que hoje ocorra de forma disfarçada.

Para Maria Lúcia Lopes da Silva seu maior desafio era frequentar uma sala de aula, não só para aprender a ler e escrever, mas recuperar a autoestima decorrente do fato de não saber ler, tão pouco assinar seu próprio nome.

A aluna pesquisada teve dois momentos no processo de alfabetização: o primeiro foi no programa Brasil alfabetizado que se deu início no ano de 2007, em seguida a mesma frequentou uma sala de aula da rede de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que se concretizou no ano de 2014. Durante esses oito anos, a mesma estudou a mesma série, ou seja, repetiu de ano. Durante esses 8 anos de estudos a aluna pesquisada em nenhum momento deixou de frequentar uma sala de aula, todos os anos se matriculava e repetia de ciclo.

Objetivando atender aos alunos nas diversas localidades do município de Sapé, a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer oferecem as condições de acesso dos alunos nos cursos EJA, garantindo-lhes o ingresso e ascensão às etapas: 1º seguimento: Ciclo I – Iniciantes ou egressos de programas de alfabetização, Ciclo II-Egressos do ciclo I, já no 2º seguimento: III ciclo, egressos do segundo ciclo e o 4º ciclo, egressos do 3º ciclo.

Por apresentar especificidades que demandam otimização de tempo, o ensino na EJA, deve ocorrer de forma a contemplar às áreas de conhecimento específicas para os cursos seguindo os critérios estabelecidos pelos sistemas de ensino em consonância com as diretrizes nacionais, portanto esta proposta apresenta as etapas orientadas pelas regras de duração assim estabelecidas:

1º Segmento: Cada ciclo tem a duração de 01 ano;

2º Segmento: Cada ciclo tem duração de 01 ano.

Considera-se que o ensino nesta modalidade garante ao aluno a mesma oportunidade de aprendizagem dos conhecimentos pertinentes à proposta curricular estabelecidos em consonância com as diretrizes nacionais e elencados pelos profissionais da educação em nosso município, sem que haja danos, no tocante às habilidades que se pretendem desenvolver no espaço de tempo estabelecido para cada etapa.

Nas próximas seções mostraremos detalhes desses dois processos, sendo nosso foco, o Programa Brasil Alfabetizado e a oferta da EJA na rede municipal em Sapé como Maria Lúcia Lopes da Silva nos relata em entrevista, acerca da transição destes processos de escolarização.

4 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E O PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

A alfabetização de jovens e adultos, no Brasil, tem sido oferecida, por meio de programas e projetos diversos, fato que marca a sua história, ao longo das últimas décadas. Neste sentido observamos que EJA vem sendo tratada como questão estratégica para o processo de desenvolvimento do país, considerando-se, principalmente, a enorme dívida que a sociedade brasileira tem com as populações mais empobrecidas no que concerne à distribuição de bens econômicos e culturais.

Assim, embora que tenhamos conseguido, nos últimos anos, universalizar o acesso ao Ensino Fundamental para as crianças, ainda encontramos um número significativo de pessoas analfabetas ou que passaram por algum processo de alfabetização e se encontram na condição de analfabetos funcionais⁵. Tal situação redundava em elevadíssimo custo social e demonstra que, mesmo contando com os

⁵ Por analfabetos funcionais usualmente se entende aquelas pessoas que possuem habilidades elementares de leitura e escrita, insuficientes para desenvolver-se no meio letrado.

conhecimentos acumulados nos campos das pesquisas e das práticas pedagógicas, não se está conseguindo alfabetizar a contento a maioria da população brasileira.

Neste processo, inúmeros projetos e programas vêm sendo realizados, muitos dos quais, sem acompanhamento e avaliação criteriosa, via estado, das suas repercussões. Quando resolveu sair da condição de analfabeta e passar a vivenciar um processo de escolarização, com o intuito de alfabetizar-se, Maria Lúcia Lopes da Silva ingressou no Programa Brasil Alfabetizado, este programa específico é de caráter governamental:

O MEC realiza, desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste (BRASIL, 2014).

O programa é uma ação do Governo Federal e Estadual, voltada para a alfabetização de jovens, adultos e idosos e seu objetivo é garantir para esse público, condições e possibilidades para dar continuidade à escolarização.

Desta forma, Maria Lúcia Lopes da Silva, em entrevista, relata como se deu o início desse processo, de ingressar em uma turma de Brasil alfabetizado: vejamos:

Eu recebi o convite para começar a estudar do professor, Jailton que é meu primo, ele mora aqui mesmo na comunidade, como ele é meu primo eu disse que queria, para aprender assinar meu nome, por que às vezes eu passava vergonha por não saber assinar meu nome. (Maria Lúcia, 50 anos).

É evidente na fala de Maria Lúcia a forma com que foi convidada, como existia um interesse da parte do professor e, por ser da sua família, ela não recusou o convite, assim como também a aluna pesquisada sentia o desejo de aprender assinar o seu próprio nome.

Sobre as trocas de interesse que regem esses processos, Santos (2012, P.125) afirma:

Nessa busca pela sobrevivência, o aluno se matricula no PBA para garantir a bolsa do alfabetizador que, em determinados casos são seus parentes ou vizinhos que se encontram desempregados. Por sua vez, o alfabetizador, principal agente mobilizador da ação, também vê a bolsa do Programa como uma renda.

Como mencionada em seções anteriores, o público-alvo desse Programa são pessoas que não frequentou a escola quando criança e adolescentes, pois desde cedo tiveram que ajudar no sustento da família, conforme endosso de Galvão e Pierro (2007):

A ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em família numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão de obra de todos os membros desde cedo. O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência. (GALVÃO e PIERRO, 2007, p.16).

É nítida essa percepção quando a educanda pesquisada relata que não estudou quando criança e nem adolescente porque teve que ajudar no sustento da família, tendo dificuldades, sofreu preconceito, até mesmo tinha vergonha de frequentar lugares públicos por não saber lidar com esse tipo de grupo.

Percebemos que além da superação do analfabetismo é preciso considerar que o preconceito contra os analfabeto é uma realidade muito presente nos dias atuais, embora que hoje ocorra de forma disfarçada.

Para a aluna, seu maior desafio em retornar a frequentar uma sala de aula, não era só para aprender a ler e escrever, mas recuperar a vontade de viver, em busca de uma identidade que seja calcada nos valores determinados pela sociedade. Assim como em entrevista Maria Lúcia Lopes da Silva “Não foi fácil frequentar uma sala de aula já adulta, pois tinha vontade de aprender assinar meu nome para não mais passar vergonha nos lugares, por isso que fui estudar”.

Deste modo, destacamos aqui o primeiro contato com a escola que a luna pesquisada teve, foi já adulta. No programa Brasil Alfabetizado (PBA) no ano de 2007, a mesma relata que:

As aulas tinha duração das 19:00h às 22:00h, o professor era legal, eu gostava muito das aulas, aprendi a escrever meu nome, olhando para o papel, aí eu escrevia. Eu tinha muitas dificuldades nas vistas, eu não conseguia tirar as letras do quadro bem, nem a do livro, achava as letras muito pequenas. Também aprendi algumas letrinhas, como a UVA, DEDO, DADO, BOLA, os cadernos, a gente comprava, as vezes o professor dava lápis, já a farda agente que comprava com o nosso dinheiro, nós tinham aula de matemática, português, Educação física. (Maria Lúcia, 50 anos)

Percebemos que os motivos de retornar a escola, são os mesmos, a busca do aprender a ler e escrever. Essa busca se dá por um conjunto de exclusões sociais em que viveram ao longo de suas vivências.

Não foi fácil para a educanda pesquisada começar seu processo de alfabetização já na fase adulta. Porém, sua força de vencer o preconceito imposto pela sociedade de menosprezar aqueles que não sabem assinar seu próprio nome de caneta, senti em suas palavras, nas entrevistas realizadas, que mesmo com as dificuldades, pela falta de material, de estrutura física da escola, não a fez desistir, até sentiu vontade, mas não chegou a abandonar a sala de aula.

E evidente no relato que, Maria Lúcia, teve progresso, visto que já conseguia assinar seu nome. Ela assegura que olhando para o papel conseguia fazer a cópia e, ainda mais, que aprendeu algumas letrinhas, conforme já citado.

5 MARIA LÚCIA LOPES DA SILVA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos tornou-se uma modalidade prescrita na legislação brasileira como uma feição nitidamente escolarizada por meio da expressão EJA, assim como ressalta a LDB 9394/96, art.37 e art.38, é que se passou a contemplar as várias modalidades de Educação de Jovens e Adultos e uma melhor adequação frente às novas exigências sociais, assim como as demais, tem como objetivo permitir que as pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade adequada, tenha acesso a escola quando na sua fase adulta para recuperar este processo de direito e importância para os seres humanos.

Não podemos ver a EJA como uma deficiência de saberes por parte do alunado, pelo fato de não ter tido frequentado a escola quando criança.

Segundo Pedrosa (2010, p.35).

É imprescindível compreender que a EJA é uma modalidade de ensino que prima pelo sujeito, formando uma das políticas nacionais que favorecem para inclusão social, trazendo de volta à escola, jovens e adultos que por diversas dificuldades não permaneceram no ensino regular. Entretanto escola e sociedade, até o momento, estão distantes deste entendimento, além disso, elas resistem ao fato de defrontar-se com a nova realidade da EJA, que vem se caracterizando com o ingresso de alunos cada vez mais jovens.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) possibilita oportunidade de aperfeiçoar os conhecimentos, além de facilitar o acesso ao emprego e favorecer o crescimento pessoal. Frequentar uma sala de aula revela-se como uma esperança de dias melhores, pois para muitos alunos escrever seu próprio nome é resgatar dimensões de uma identidade em construção.

A aluna pesquisada, em entrevista, nos relata ao responder como chegou à sala de aula de educação de jovens e adultos:

Eu já estudava, com o professor Jailton que era meu primo, ai essa professora fez o convite para estudar em outra escola no ano seguinte (2014), uma escola do governo do Estado, aceitei por que meu primo não ia mais ensinar. (Maria Lúcia, 50 anos).

Nota que prevalece em comunidades pequenas a mesma forma de mobilizar os alunos (Jovens e Adultos) para frequentar uma sala de aula, através de um convite informal do (a) professor (a). Para muitas pessoas a educação de jovens e adultos é vista como um programa e não como uma modalidade de ensino.

Nessa perspectiva, logo percebemos a falta de articulação nas escolas do município e do estado para favorecer ao processo de continuidade dos estudos. A falta de articulação entre as iniciativas de inserção educacional é outro problema da Educação de Jovens e Adultos.

A tabela a seguir mostra a quantidade de alunos da turma que a aluna pesquisada frequentava.

Tabela 03: Mapeamento da turma de EJA ano de 2014 da Professora Berlânia.

Ano	Professora	Turma	Quantos Alunos matriculados	Quantos alunos Concluintes	Evasão/abandono
2014	Berlânia	1º e 2º etapa	22	13	09

Fonte: Professora Berlânia. EE Açude do Mato.

É possível observar, na tabela 03, que a turma é considerada grande, ou seja, tem um número considerável de alunos para a realidade das salas de aula desse público no turno da noite. Assim, podemos perceber que dos 22 alunos, 13 frequentavam todos os dias e que, além disso, tais escolas enfrentam o grave problema da evasão ou até mesmo do abandono escolar. Assim como também podemos observar a precariedade da oferta onde duas etapas acontecem na mesma turma.

Segundo Furtado (2009, p.117) em relação à evasão:

Um segundo desafio, ainda encontrado na EJA, é a permanência dos/as jovens na escola. Encontramos alunos/ as que se matriculam e não comparecem às aulas, que desistem de estudar ainda no início do ano, ou até mesmo chegam a estudar próximo ao final do ano e, mesmo assim, desistem.

Para a autora essa é uma realidade que encontramos nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que o público que frequenta, é formado por trabalhadores (as) que passam o dia trabalhando e ainda vão à noite para uma sala de aula. Assim, como conciliar o trabalho o estudo ainda se constitui como desafio ao aluno jovem e adulto.

A aluna pesquisada relata que, muitas vezes, pensou em desistir, por enfrentar dificuldades. Todavia, ao mesmo tempo, ela voltava, pois considera que estar em

uma sala de aula, é um divertimento por estar com várias pessoas com as quais compartilha os desafios de aprender a ler e a escrever.

Maria Lúcia Lopes da Silva ainda relata sobre suas dificuldades em relação à vida estudantil:

Eu tinha dificuldades nas vistas, a professora compiava no quadro e eu às vezes não conseguia ver, sim, a escola era um pouco longe e tinha que atravessar a pista para chegar a escola, a aula era de 07:00 (sete) até as 10h00 (dez) horas, mais a gente só ficava até 09:00 (nove) horas, por que ficava muito esquisito pra voltar pra casa a noite. (Maria Lúcia, 50 anos).

Deste modo, percebemos na fala de Maria Lúcia, as dificuldades que enfrentava dentro e fora da sala de aula, esses desafios não era só ela que enfrentava, mas também a grande maioria do alunado da EJA.

Dando continuidade a entrevista, pergunto a aluna pesquisada o que ela lembra das aulas? O que aprendeu? E a mesma responde:

Ela ensinava tudo que tem nenhuma aula, Matemática, Português, Geografia e outras lá que não lembro. Ela escreve no quadro para a gente colocar no caderno. Eu ainda estou aprendendo, aprendendo a ler que eu não sabia, conhecer as letras, ela ensina letras do livro e sem ser do livro, essas letras é da familinha do dedo, do P, do D tudo isso ela ensina a gente. (Maria Lúcia, 50 anos).

Podemos destacar na fala de Maria Lúcia, que além das dificuldades de locomoção, por ser um lugar distante de sua casa, a mesma fala das dificuldades de aprendizagem, assim como registrar as anotações que a professora escrevia no quadro e transporta-las para seu caderno. Existe a dificuldade em relação a visão, por ser à noite, tornar-se mais difícil. Podemos perceber da fala da mesma, a forma que a professora ministrava a aula, atividade escrita do quadro, assim como também isto se dava em relação do uso do livro didático.

Para muitos alunos da Educação de Jovens e Adultos a dificuldades vão muito além, de ler e escrever. Evidenciamos na fala da educanda pesquisada, que houve o avanço, ou seja, além de aprender a escrever seu próprio nome, ela diz que

passou a conhecer algumas letras do alfabeto e, ainda situa as letras no contexto das famílias silábicas.

Mostramos a seguir algumas atividades feitas pela mesma:

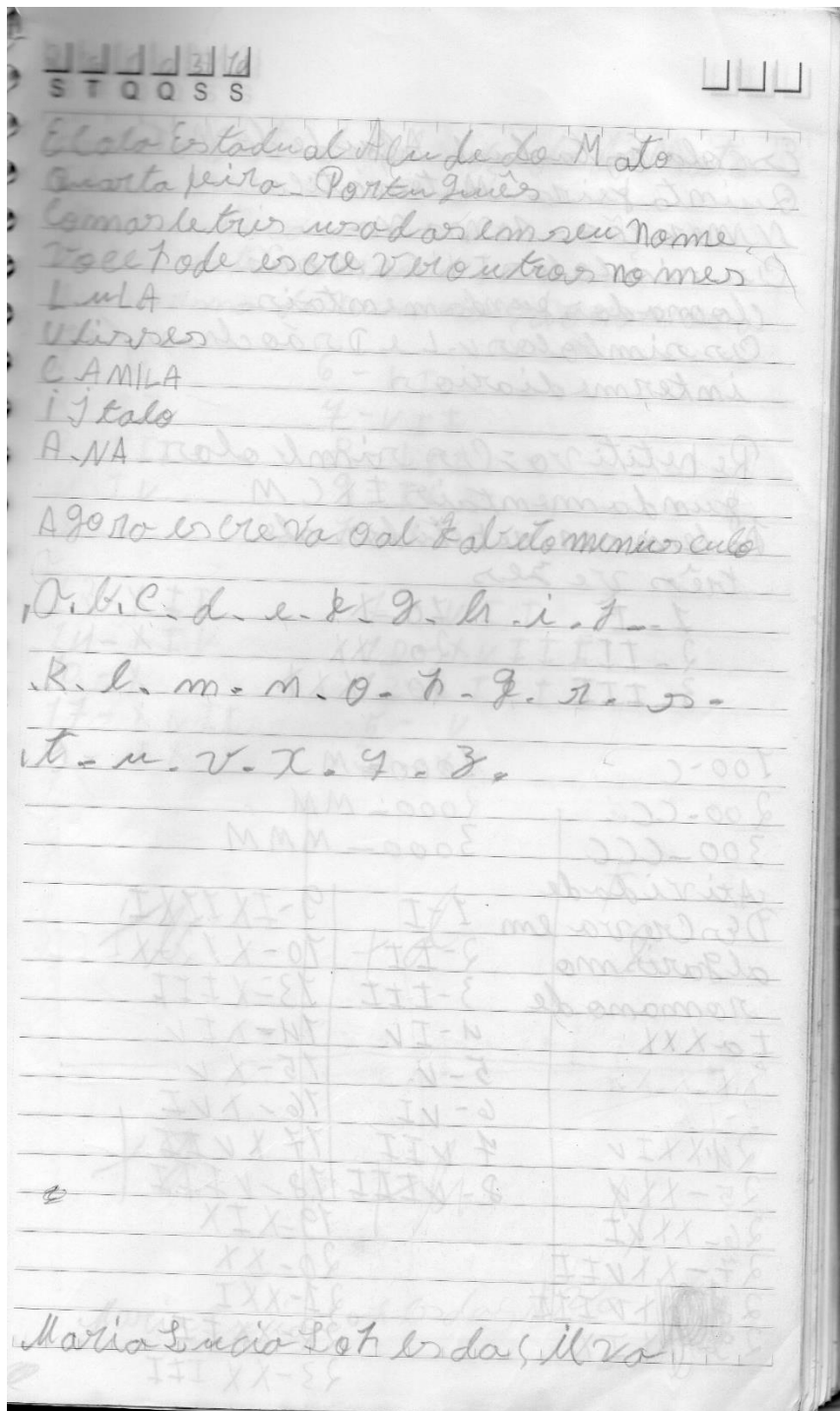


Imagem 1. Atividade de Português feita pela aluna pesquisada. Caderno Disponibilizado pela aluna pesquisada.

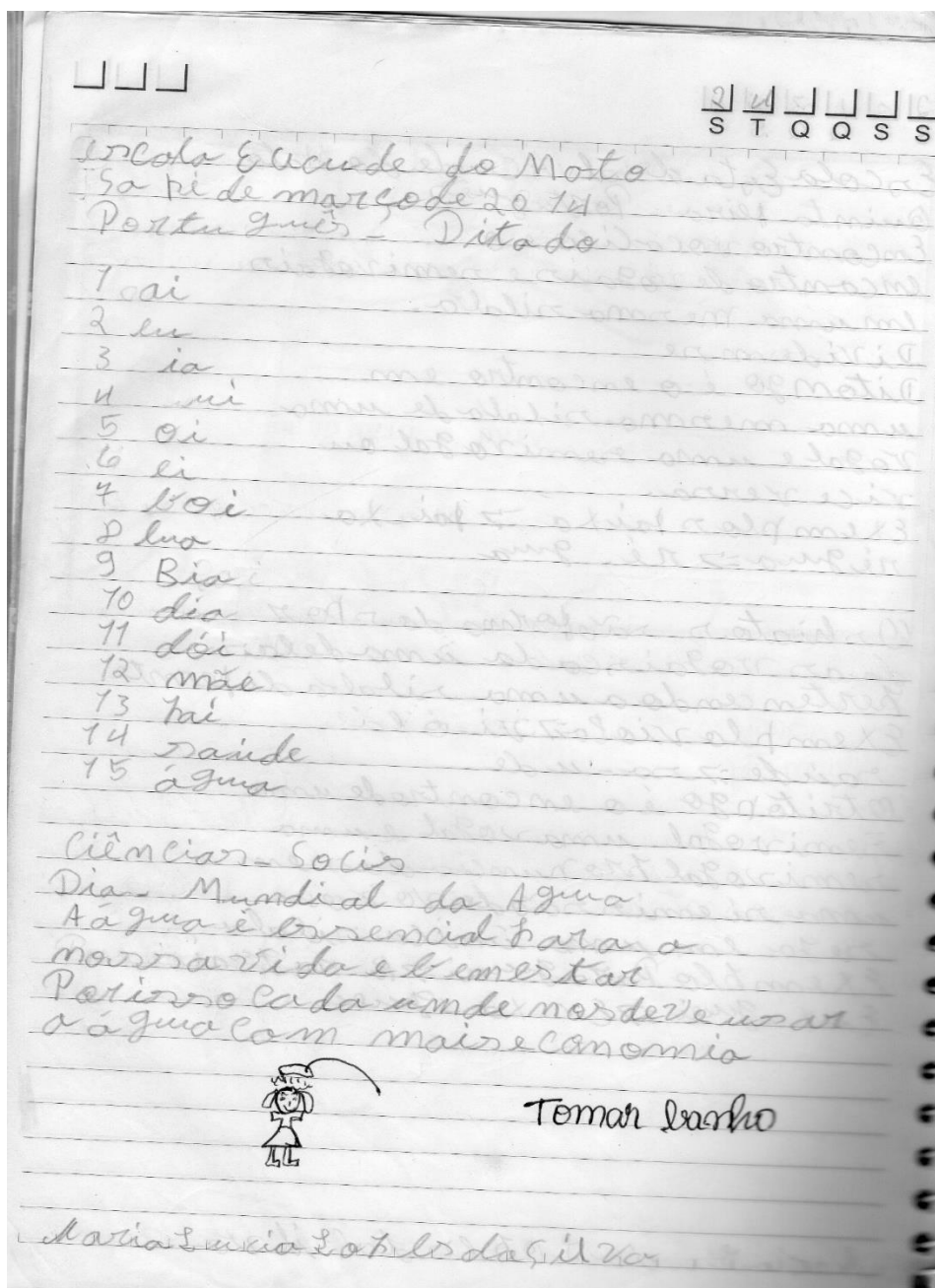


Imagem 2: Atividade de Português/Ciências Sociais. Disponibilizado pela aluna pesquisada.

As atividades, ambas retiradas pela aluna do quadro, iniciam-se com o nome da escola. A primeira imagem mostra uma atividade de português, que tem como objetivo trabalhar as letras do alfabeto e, no primeiro quesito pede para escrever palavras através do próprio nome e o segundo quesito pede para escrever o alfabeto minúsculo.

Já a outra imagem mostra uma atividade de Português e Ciências Sociais, ambas foram retiradas do quadro, uma trata-se de ditado de palavras e outra aborda o dia mundial da água.

Além do acesso a essas atividades, tive a oportunidade de visitar a turma de Maria Lúcia Lopes da Silva e, na ocasião, observei a forma com que a professora ministrava a aula. A mesma, na ocasião, fez um ditado de palavras e, feito dessa forma, ela dita a palavra falando letra por letra para, em seguida, escrever a mesma para o quadro. Assim os alunos escreviam para seu caderno.

Podemos observar na imagem 01 a aluna pesquisada na sala de aula. Na ocasião a mesma estava copiando uma atividade que a professora passou no quadro.



Imagem 1. Maria Lúcia, fazendo atividade que estava escrita no quadro.
Local: Escola Estadual de Açude do Mato/Sapé/PB.
Por: Juliete Silva.

Como vimos anteriormente, o analfabetismo representa uma dívida social com os menos favorecidos em relação ao sistema educacional, pois muitas pessoas foram excluídas do ensino, do seu direito de aprender ler e escrever. Sobre isto Xavier (2011, p.127) nos assegura que:

A Educação de Jovens e Adultos tem contribuído muito com o processo de alfabetização e letramento no país. Para este público, a escola não realizou sua função social ou foi negada por diversos motivos: a necessidade de trabalho para manter o sustento da família, a falta de escolas no campo, migração forçada, entre outros. O estudo abre portas para novas oportunidades, mesmo mediante a um mercado competitivo e exigente. A EJA foi e está sendo uma oportunidade para muitos, porém, é preciso repensar novas metodologias.

Podemos analisar na citação do autor que há muito ainda que se fazer no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sabemos que o aprender não é um campo de limitações, mas ainda representa barreiras para aqueles que por algum motivo não tiveram acesso à escola. Assim, a busca pelo aprendizado é uma aventura cheia de desafios.

Desta forma a EJA representa uma oportunidade para esse público. Foi assim que aconteceu com Maria Lúcia Lopes da Silva, e hoje a mesma é uma pessoa alfabetizada.

CONCLUSÃO

As pesquisas realizadas proporcionaram um exercício de descoberta e, a partir das memórias da aluna pesquisada, foram criadas novas possibilidades de chegar à concretização do sonho de saber ler e escrever. Para não mais sofrer preconceito, a aluna superou dificuldades e conseguiu recuperar sua autoestima, aprendendo novas habilidades.

Em cada resposta obtida nas entrevistas, pude perceber o quanto foi importante para a aluna Maria Lúcia ingressar em uma sala de aula para realizar seu sonho de escrever seu nome, para não mais sofrer preconceito. Percebo, no decorrer das entrevistas que a mesma alcançou seu objetivo.

Outra questão que perpassou esta pesquisa foi resgatar as memórias de Maria Lúcia Lopes da Silva, recuperar os motivos a que levaram a não frequentar a escola, ainda criança e o motivo que a fez retornar à escola. Podemos observar a importância, para ela, de ser aluna do Programa Brasil Alfabetizado e da EJA, o retorno à escola, como também sua permanência neste espaço educativo.

Pela observação dos fatos estudados do processo de alfabetização da aluna pesquisada, podemos levar em consideração a importância do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e da modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede de ensino de Sapé-PB. A aluna pesquisada estudou até a segunda etapa na rede de município na Educação de Jovens e Adultos no ano de 2014. Podemos perceber que a mesma teve um avanço desde a sua participação no primeiro programa em que foi aluna regular até o período em que frequentou a rede de ensino na modalidade da EJA.

Este trabalho buscou evidenciar os processos de escolarização de Maria Lúcia Lopes da Silva, que reside no município de Sapé/PB. Observa que a mesma no primeiro programa conseguiu aprender assinar seu nome, visto que, antes, assinava com o dedo. Na rede pública, por sua vez, continuou avançando e conseguiu aprender algumas letras do alfabeto e também fazer o registro das atividades do quadro em seu caderno.

Neste sentido, é imprescindível que todos se conscientizem de que a Educação de Jovens e Adultos no país é de extrema importância, visto que representa a garantia de direitos e a condição de cidadania plena. Mas não podemos deixar de expressar que tem muito que se melhorar nesta modalidade de

ensino, quer seja no espaço físico, nos materiais didáticos adotados e na formação docente.

Desta forma, podemos dizer que a educação é possível e capaz de contribuir para mudar significativamente a vida de uma pessoa, permitindo-lhe reescrever sua história de vida. Foi dessa forma que aconteceu com Maria Lúcia Lopes da Silva, a mesma, depois que começou a frequentar uma sala de aula, seu modo de vida mudou, uma vez que teve seus objetivos alcançados.

Portanto, podemos afirmar que este estudo da memória e da história oral, nos mostrou o quanto à área de Educação de Jovens e adultos levada de preconceitos e discriminação em razão de problemas sociais históricos. Mas estas configurações são amplas e poderão ser debatidas em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos*. 3 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. MEC. *Programa Brasil Alfabetizado-Novo*, 2014. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17457&Itemid=817>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2016.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FURTADO, Quêzia Vila Flor. *Jovens da Educação de Jovens e Adultos: Produção do fracasso no processo de escolarização*. João Pessoa: Editora universitária-UEPB, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERRO, Maria Clara Di. *Preconceito contra analfabeto*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

PEDROSA, Carina Cavaletti de Carvalho. *Representações Sociais sobre histórias por aluno da EJA (Educação de Jovens e Adultos)*. Disponível em:<http://www.unifio.br/pdfs/marketing/dissertacoes_psico_2010/CARINA_CAVALETTI_DE_CARVALHO_PEDROSO.pdf>. Acesso em 04 de Abril de 2016.

SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa. *Programa Brasil Alfabetizado: Impacto para as políticas públicas de educação de jovens e adultos em município do sertão paraibano*. Disponível em:<<http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4701/1/Arquivototal.pdf>> Acesso em: 13 de Março de 2016.

SOUZA, João Paulo Aguiar. *Analfabetismo no Brasil: História, Realidade e Preconceito*. Disponível em:<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[834\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[834]ABEP2012.pdf)> Acesso em 13 de Março de 2016.

XAVIER, João Davi Xavier. *Educação de Jovens e Adultos: Alfabetizar Letrando*. Disponível:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/viewFile/10963/6157>>. Acesso em: 02 de março de 2016.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA
GRADUANDA: JULIETE SILVA DE SANTANA

ORIENTADORA: MARIA VALDENICE RESENDE SOARES

Roteiro de entrevista para a aluna pesquisada

- 1- Quando criança, você estudou?
- 2- Alguma vez na sua vida você sofreu preconceito por não ter estudado?
- 3- Você queria estudar?
- 4- Quais as dificuldades que você encontrou para estudar quando adulta?
- 5- Você já pensou em desistir dos estudos. Por quê?

Programa Brasil Alfabetizado

- 1- Como você chegou a este programa?
- 2- Quem era a professora (o)?
- 3- Qual a duração da aula?
- 4- O que você lembra, das aulas?
- 5- Quais as dificuldades que tinha enquanto aluna desse programa de alfabetização?

- 6- O que você aprendeu?
- 7- Onde eram realizadas as aulas?
- 8- Quais os materiais utilizados?

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

- 1- Como você chegou a este programa?
- 2- Quem era a professora (o)?
- 3- Qual a duração da aula?
- 4- O que você lembra, das aulas?
- 5- Quais as dificuldades que tinha enquanto aluna desse programa de alfabetização?
- 6- O que você aprendeu?
- 7- Onde eram realizadas as aulas?
- 8- Quais os materiais utilizados?

Anexos



Imagem 2: Maria Lúcia e uma colega realizando uma atividade de Português. – Turma: EJA. Na Escola Estadual Açude do Mato. Sapé- PB. Data: 13/10/2014. Por: Juliete Silva.

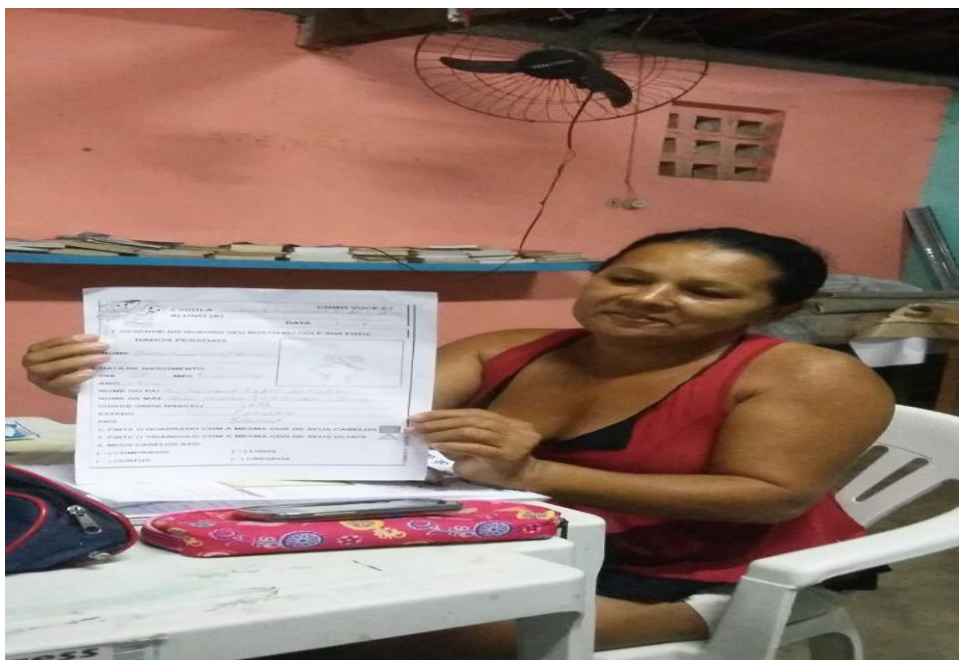


Imagem 3: Maria Lúcia realizando uma atividade de Português. – Turma: EJA. Na Escola Estadual Açude do Mato. Sapé- PB. Data: 14/10/2014. Por: Juliete Silva.